

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: Waimiri Atroari

Data: 07/10/87 Pg.: 331

WAIMIRI-ATROARI

Padre pregava violência a índio

O jornal "O Estado de São Paulo" publicou, em sua edição de ontem, mais uma matéria-denúncia contra a presença de religiosos em meio às nações indígenas. A denúncia, na íntegra, é a seguinte:

A cartilha utilizada pelo padre Egydio Shwade, ligado ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi) para alfabetizar os índios waimiri-atroari, no Território de Roraima, induzia esse grupo indígena recusar a presença de qualquer civilizado no local e chegava a propor a violência para tentar impedir a entrada de qualquer órgão oficial na área. Essa informação, obtida com exclusividade por O Estado de S. Paulo faz parte de um relatório reservado no qual fica evidente a tentativa de manipulação dos índios por Shwade e sua mulher Doroti, até novembro de 1986, quando o casal foi retirado da região a pedido dos próprios índios.

"Os waimiri-atroari disseram que Egydio falou que Taboca (mineradora subsidiária da Paranapanema) não presta e que 'vocês têm que matar Taboca'. Ele 'mandava' os índios lembrar e escrever acontecimentos do passado, os quais ele escrevia no quadro para todos os alunos copiarem. Mas eles falam que não queriam de jeito nenhum matar Taboca". Esse é um trecho do relatório reservado que demonstra o condicionamento dos indígenas realizado pelo missionário para que eles recusassem a presença dos brancos na área recorrendo inclusive à violência. A certa altura dos ensinamentos, o padre Shwade indagava a seus alunos: "No passado vocês viviam matando a Funai. Por que vocês deixaram de fazer isso?"

O relatório não se detém somente no conteúdo dos ensinamentos ministrados pelo missionário do Cimi. Traz, ainda, uma correspondência trocada entre Shwade e a Misereor, entidade de língua alemã que apóia trabalhos missionários em todo o mundo. Nessa correspondência, datada de 30 de janeiro de 1986, a Misereor alega já ter contribuído bastante para o projeto de Shwade, denominado "Marewa", com recursos que totalizaram 22 mil marcos alemães. E nega nova ajuda argumentando não ter recebido prestação de contas do dinheiro enviado a Shwade.

Ainda nessa carta enviada pela

Misereor, a entidade justifica sua posição de negativa de mais verbas: "a) a Misereor já apoiou o Marewa por duas vezes, com 22 mil marcos alemães no total, exigindo por ocasião da última aprovação (31.8.83) que os custos futuros fossem financiados sem a ajuda da Misereor; b) além desse aspecto 'formal' (aspas do original), julgamos como menos prioritário (com secretária) em Brasília apenas para o Marewa. Em nosso ver, tais trabalhos deveriam e poderiam ser assumidos pelo secretário nacional do Cimi, para o qual a Misereor está contribuindo financeiramente com somas consideráveis; c) o trabalho do Marewa já mostrou e mostra ainda resultados positivos a nível regional, nacional e internacional, portanto não vemos a necessidade absoluta de aumentar ainda a 'estrutura' deste Movimento".

O remetente da correspondência, Alfred Ruppert, do Departamento América Latina da Misereor, prova, assim, que o padre Shwade se utilizou dos recursos da entidade sem jamais prestar contas de seus gastos. Um documento elaborado pela Funai sobre a correspondência ressalta: "Cabe salientar que a Funai não tem conhecimento de que as comunidades indígenas tenham recebido qualquer benefício referente à aplicação da importância mencionada por Alfred Ruppert".

Cartilha — O conteúdo das cartilhas utilizadas por Shwade foram objeto de relatório da 5ª. Superintendência Regional da Funai, sediada em Manaus. "Observa-se no conteúdo dos cadernos usados nas aulas ministradas pelo Egydio (A introdução do estudo bilingüe junto aos índios atroari), o seu comportamento altamente comprometedor e indesejável à política indigenista posta em prática pela Funai, cujas consequências poderiam ter provocado sérios conflitos".

O parecer que justifica a necessidade de retirada do casal Shwade do território dos waimiri-atroari, a pedido dos mesmos, elaborado pela 5ª. Superintendência diz: "Os Shwade não foram para ver, ouvir e orientar os sistemas de vida dos waimiri-atroari, mas para impor nova estrutura de vida, ser paladinos de indefesos, mas sem ouvir as

reivindicações naturais e lógicas da população interessada. Eles não obedeciam os índios, estes e que tinham que obedecê-los". Ressalta, ainda, que o casal não se limitou ao ensino bilingüe, mas partiu para o ensino de politização, de intrigas e rancores do povo waimiri-atroari contra o mundo da sociedade envolvente ou "branca" (aspas do original). Essa teoria de trabalho dos Shwade, ao invés de orientar os índios, só os fez ficar mais confusos, fazendo deles futuros civilizados cheios de ódio a tudo e a todos".

No caderno n.º 1, página 1, das linhas 11 a 19, a lição, que mistura língua indígena ao português, acusa a Taboca (mineradora subsidiária da Paranapanema) de ter invadido terras indígenas, obrigando-os a ir embora. O relatório traduz a mensagem contida nas páginas 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16 do primeiro caderno e 20, 31, 72, 81 e 12 do segundo. Nelas, fica clara a tentativa de Shwade de responsabilizar o homem branco e a Funai por todos os males que se abateram sobre aquela comunidade.

Na tradução que consta no documento repleto de palavras indígenas com tradução escrita sobre cada uma delas, da página dois do primeiro caderno, percebe-se a estruturação das lições de Shwade. "Vários índios waimiri-atroari fugiram do rio Mahná (Rio Preto) quando os brancos entraram. Também os índios fugiram da Taboca". Ele inicia, assim, sua lição, mostrando ter sido o branco o culpado pela saída dos índios do que era seu território original desde os primórdios de sua história. Nas linhas 15 e 16 da página oito, do mesmo caderno, a mensagem diz: "f.d.p.", se referindo ao homem branco. E conclui: "Nós não gostamos da Taboca". A tradução que consta no relatório resume a lição da seguinte forma: "Não gostam da Taboca porque Taboca não paga pela terra dos índios".

A idéia de jogar os índios contra os civilizados, rememorando sua história, fica clara com a observação que consta no relatório logo após a transcrição da mensagem da página 9 do primeiro caderno. "Os waimiri-atroari disseram que Egydio falou o seguinte: 'Já sei que os brancos mataram vocês. Então vocês vão escrever agora para eu saber

como foi no passado". Os índios falaram após episódio. Mas que "Egydio sempre mandava eles escreverem mais".

Na 10ª. página, a manipulação fica mais clara quando a lição do padre Shwade diz que "Kamnã (branco) matou Sere (Nome de índio) com bomba". No final da página seguinte, a mensagem iniciada chega a sua conclusão: "Fugimos de Kamnã (branco). Ele nos iria matar todos". Na sua tentativa de jogar os índios contra os civilizados, as lições não ficam só nas bombas. Fala em "Kamnã com metralhadora", na página 12. E afirma: "Eu chorei porque estava com medo de Kamnã de matar". A demarcação de terras também entrava na lição ministrada por Shwade. Na observação feita pelos responsáveis pelo relatório, na altura da página 14, diz: "Os waimiri-atroari disseram que Egydio falou para eles: 'Por que a Funai não marcou sua terra?'"

A deturpação dos papéis do governo e da Funai fica evidente na observação colhida junto aos indígenas por funcionários da 5ª. Superintendência. Na página 16, do primeiro caderno, é feita a seguinte observação: "Os waimiri-atroari disseram que Egydio falou para eles: 'O governo mandou brancos para matar vocês'. Eles falaram também que Egydio disse para eles que a Funai ajudou o branco a matar vocês".

A lição do segundo caderno retoma o tema dos antepassados, como forma de fazer reaparecer ressentimentos que pudessem existir entre os ancestrais da comunidade waimiri-atroari e os civilizados. A tradução da página 81 é a seguinte: "Os antepassados dos waimiri-atroari foram de canoa para conversar com os brancos. Depois os brancos mataram os índios. Um índio que morreu era parente de um waimiri-atroari chamado Sapato. Depois o índio Sapato matou um funcionário".

Na tentativa de evitar que a comunidade recebia informações de uma funcionária da Funai, designada para dar assistência aos waimiri-atroari, logo após a tradução da mensagem da página 81, é acrescentado a mensagem: "Por que a enfermeira da Funai não gosta de índio?"